



Piero della Francesca.  
*Ressurreição de Cristo*, 1463.

## PÁSCOA! um mistério

por *Karl Rahner* \*

**É** DIFÍCIL, COM PALAVRAS humanas usuais, ser justo com o mistério da alegria dos dias pascais. Não unicamente pelo motivo de que todos os mistérios do evangelho penetram, com dificuldade, na estreiteza de nosso ser; senão, também, porque, com mais dificuldade ainda, podemos expressá-lo com nossa palavra. A mensagem da Páscoa é a notícia mais humana do cristianismo. Por isso, temos muita dificuldade em entendê-la. Pois, o que é mais verdadeiro, mais próximo, mais fácil, é, também, o mais difícil de ser, de fazer e de crer.

Nós, homens de hoje, vivemos com um preconceito latente – e, por isso, tanto mais óbvio – de que o religioso é próprio somente do coração mais profundo e do espírito mais sublime, algo que temos que fazer solitariamente e apenas para nós próprios, e que, por isso, tem a dificuldade e a irrealidade dos pensamentos e dos anseios do coração. Porém, a Páscoa nos diz, não obstante, que Deus realizou algo. Ele mesmo o fez. E sua obra não limitou-se a tocar ligeiramente o coração de um homem, para que estremecesse docemente pelo inefável e sem nome [1]. Deus ressuscitou seu Filho. Deus vivificou a carne. Venceu a morte. Ele realizou algo e venceu não somente na interioridade do sentimento, senão, também, ali, onde, apesar de todas as excelências do espírito, somos realmente nós mesmos, na realidade da terra, distantes de tudo o que é meramente ideológico e intencional; ali, onde experimentamos o que somos: filhos da terra, que morrem. Somos filhos da terra, nossa vida é nascimento e mor-

te, corpo e terra, pão e vinho: a terra é nossa pátria. [2]

Certamente, com tudo isso, a fim de ser válido e belo, como uma essência misteriosa, há que estar misturado ao espírito, o espírito fino, delicado, o espírito que vê, que olha para o infinito, e a alma que faz com que tudo seja vivo, animado. Porém, o espírito e a alma têm que dar-se, unir-se ali onde estamos, sobre a terra e no corpo, como eterno brilho daquilo que é terreno, não como um peregrino que, incompreendido e estranho, anda pelo palco do mundo como uma breve aparição. Somos demasiados filhos desta terra, para que queiramos nos expatriar um dia, em definitivo. E se o céu nos for dado, para que a terra seja suportável, então deve aproximar-se e permanecer como luz bem-aventurada sobre esta terra e brotar do seu escuro seio.

### **PERTENCEMOS À TERRA.**

Porém, se não podemos ser infiéis à terra – não por capricho ou por despotismo, que não convêm aos filhos da humilde mãe terra, senão porque temos que ser o que somos – estamos, contudo, ao mesmo tempo, enfermos de uma dor oculta, que fere mortalmente o mais íntimo de nosso ser terreno. A mesma terra, nossa mãe, está aflita. Geme baixo a caducidade, a decadência. Suas mais alegres festas parecem o começo de funerais e, ao ouvir seu gemido, trememos, desejando que, no próximo instante, não chore, baixo, uma gargalhada. [2a]

Dá a luz crianças que morrem, que são demasiado débeis para viverem para sempre e que têm demasiado espírito para poder renunciar, modes-

tamente, à alegria eterna, porque, de maneira distinta dos demais animais, já contemplam o fim, antes que existam, e não lhes poupará compassivamente a experiência do fim [2b]. A terra dá à luz filhos de grande coração, e o que lhes dá é demasiado belo para que eles o menosprezem, e é demasiado pobre, para torná-los ricos. E porque na terra dá-se essa contradição entre a grande promessa que nunca chega e o dom mesquinho que não contenta, por isso ela será o campo fecundo das culpas dos seus filhos, que pretendem arrancar-lhe mais do que pode dar. [3]

### **A TERRA MÃE, DESGRAÇADA.**

É possível que se queixe de que chegou a ser tão ambivalente, somente pela culpa original do primeiro homem, Adão. [4] Porém, a situação é a mesma: a terra é, agora, a mãe desgraçada; demasiado viva e demasiado bela para que possa afartar, de si seus filhos, a fim que conquistem, para si próprios, outro mundo, a nova pátria da vida eterna, demasiado pobre para satisfazer, cumular seu desejo. E, o mais das vezes, não leva a nenhuma das duas coisas, porque sempre é ambas: vida e morte. [5] E a ambígua mistura que nos oferece, de vida e morte, de aplausos, vitórias e de lutas, de fatos criadores e de escravidão permanente, é nossa vida de cada dia. [6]

Dessa maneira, estamos sobre a terra, a pátria eterna [7]; e, no entanto, não é suficiente. A aventura de emigrar do terreno não é possível, não por covardia, senão pela fidelidade que nosso próprio ser exige. [8] O que devemos fazer? Ouvir a mensagem da

ressurreição do Senhor! Cristo, o Senhor, ressuscitou ou não dentre os mortos? Cremos em sua ressurreição e confessamos: Morreu, desceu aos infernos e ressuscitou ao terceiro dia! Porém, o que significa isso, e porque é um motivo de felicidade para os filhos da terra? [9]

**CRISTO MORREU!** Ele, o Filho do Pai, morreu; Ele, que é o Filho do Homem [10]. Ele, que é a eterna plenitude da divindade, que não necessita nada, ilimitado e bem-aventurado, como a Palavra do Pai antes de todos os tempos. E, como filho de sua bendita mãe, é, ao mesmo tempo, o Filho desta terra. [11] Ele, que é, por sua vez, o Filho da plenitude de Deus e o filho da indignância da terra [12], morreu. Porém, morto não quer dizer (como cremos através de um sentido nada cristão e a partir de um espiritualismo de pouca visão) que seu espírito, sua alma, a vasilha da divindade, foi arrancada do mundo e da terra, que evadiu-se, de alguma maneira, em direção à Glória de Deus, para além de todo o mundo, porque o vínculo corporal que o atava à terra, rompeu-se ao morrer e porque, a terra assassina, havia demonstrado que o Filho da luz eterna não podia encontrar uma pátria em sua obscuridade. [13]

Morreu, dizemos, acrescentando em seguida: "desceu ao reino dos mortos e ressuscitou". Com esse acréscimo, a afirmação de que "morreu" recebe outro sentido, completamente distinto daquele de fuga do mundo [14], que tentamos a aplicar à morte. Jesus mesmo disse que Ele desceria ao coração da terra (Mt 12,

40) [15], onde tudo é uno e onde assenta-se a morte e a esterilidade. Foi aberto um caminho na morte no seu próprio seio; deixou-se – santa argúcia da vida eterna – vencer pela morte para que esta submergisse até ao mais íntimo do mundo para que, descendo ao seio mesmo e à única raiz do mundo, instaurasse nela [nessa raiz], para sempre, sua vida divina. Porque morreu, lhe pertence, com toda justiça, esta terra. [16] Pois, quando o corpo de um homem encontra-se estendido [17] nas entranhas da terra, o homem – dizemos "a alma" –, ainda que na morte faça-se imediatamente divina, participa da unidade definitiva daquele misterioso e único fundamento, no qual estão unidas todas as coisas espaço-temporais. Ao mais profundo desceu o Senhor, em Sua morte.

**CRISTO RESSUSCITOU!** Ele reina, agora: Ele agora reina onde não mais reinam a esterilidade e a morte. Na morte, converteu-se no coração do mundo terreno, coração divino no centro do mundo, onde este, inclusive para além de seu desenvolvimento no espaço e no tempo, finca sua raiz na onnipotência de Deus. Desse coração único de todas das coisas terrenas, no qual já não se distinguem a unidade plena e a pobreza absoluta, do qual brota todo seu destino, ressuscitou. Ressuscitou não para despedir-se, não para que as dores da morte, que de novo o engendram, o presenteiem com a Vida e a Luz de Deus, de tal maneira que deixe, atrás de si, a terra vazia e sem esperança. [18] Ressuscitou no seu corpo. Isso quer dizer: já começou a transformação deste mun-

do. Resgatou o mundo para a eternidade, nasceu de novo como filho da terra; porém, agora, é o glorioso, o ilimitado, o libertado da terra, que passa a estar redimida, para sempre, da morte e da esterilidade. Ressuscitou, não para mostrar que abandonou definitivamente a terra, senão para provar que este túmulo dos mortos – o corpo e a terra – foi transformado, definitivamente, na casa gloriosa, imensa, do Deus vivo e da alma do Filho, cheia de Deus. Não ressuscitou para ser arrancado da terra. [19] Ele já possui, definitiva e gloriosamente, o corpo, que é uma parte da terra, uma parte que sempre lhe pertenceu como parte de sua realidade e de seu destino. Ressuscitou para revelar que, por sua morte, permanecerá implantada, na estreiteza e na dor da terra, a vida eterna livre e feliz, no meio de seus corações.

**TUDO FOI RENOVADO!** O que chamamos d Sua ressurreição e consideramos, irreflexivamente, como Seu destino privado, é somente o primeiro sintoma real de que, para além do que chamamos "experiência" (à qual damos tanta importância), tudo chegou a ser distinto [19a], com a verdadeira e decisiva profundidade de todas as coisas. Sua ressurreição é como a primeira erupção de um vulcão, que mostra que no interior do mundo já arde o fogo de Deus, que o [o mundo] levará totalmente à bem-aventurada incandescência. Ressuscitou para demonstrar que tal já começou. Já se levantam, do coração da própria terra, n'Aquele que a penetrou, morrendo, as novas forças de uma terra gloriosa: já estão vencidos,

no mais profundo de toda a realidade, o pecado, a esterilidade e a morte. Não falta muito tempo – somente o que denominamos como "História depois de Cristo" – para que toda a realidade, e não somente o corpo de Jesus, reflita o que realmente sucedeu. É porque não começou Cristo a salvar e glorificar o mundo primeiramente pela superfície, senão por sua raiz mais íntima, que nós, seres superficiais, acreditamos que nada sucedeu. Entretanto, é porque a água da dor e da culpa ainda correm aqui, onde estamos, que não imaginamos que suas fontes, nas profundezas, não estejam esgotadas. É porque a maldade ainda desenha novas ruínas no rosto da terra, que concluímos que, no mais profundo do coração da realidade, está morto o amor. Porém, tudo isso não é senão aparência, aparência que temos pela realidade da vida. Ressuscitou porque, na morte, conquistou, para sempre, o centro mais íntimo de todo o terreno e o salvou. E, ressuscitando, conservou-o. E, dessa maneira, ele permanece aqui. Quando Lhe confessamos como ascendido aos céus [20], é somente uma maneira de dizer que Ele nos retira, por um tempo, a evidência de Sua gloriosa humanidade e, sobretudo, que não há mais abismo algum entre Deus e o mundo. Cristo já está em meio a todas as coisas miseráveis desta terra, que não podemos abandonar por ser nossa mãe [21]. Ele está na esperança anônima de toda criatura que, sem saber, aguarda a participação na glorificação de seu corpo. Ele está na História da terra, cuja marcha cega através de todas as vitórias e quedas, dirige-se para Seu dia com temível precisão:

para aquele dia no qual Sua glória, transformando tudo, emergirá desde suas próprias profundezas.

Ele está em todas as lágrimas e em toda a morte, como júbilo oculto e vida que vence, enquanto aparenta morrer. Ele está no mendigo a quem damos esmola, está como uma misteriosa riqueza que cairá como fortuna [22] ao que socorre. Ele está nas pequenas derrotas de Seus servos, como vitória que é somente de Deus. Ele está em nossa impotência como potência, que permite-se aparecer como débil, porque é invencível. Ele está, ainda, em meio ao pecado, como misericórdia, paciente até o fim, de amor eterno. Ele está aqui como lei misteriosa e essência íntima de todas as coisas que, todavia, triunfa e impõe-se quando todas as ordens parecem desfazerem-se, dissiparem-se. Está entre nós como a luz do dia, como o ar que não notamos, como lei misteriosa de um movimento que não compreendemos, porque a parte desse movimento, que nós mesmos vivemos, é demasiado curta para possamos chegar a comprovar sua fórmula.

Porém, ele está aí, como coração deste mundo terreno e selo misterioso de sua eterna validade. Por isso, podemos e devemos, nós, filhos desta terra, amá-lo. Inclusive quando nos atormenta o temor à miséria e à morte. Pois, desde que Ele entrou nessa condição para sempre, por Sua morte e ressurreição, a desgraça converteu-se em algo provisório e em mera prova de nossa fé, no mais íntimo mistério, que é o Ressuscitado. Que esse é o sentido misterioso de sua miséria, não é uma experiência nossa. Realmente não. Porém, nossa fé

opõe-se a toda experiência. A fé que pode amar a terra porque ela é o "corpo do ressuscitado", assim essa terra o será. Por isso, não devemos deixá-la: a vida de Deus habita nela. Se buscamos ao Deus da infinitude (como poderíamos abandoná-lo?) e à terra a nós confiada, tal como é e tal como deve ser, para converter-se em nossa eterna pátria livre, os acharemos através do mesmo caminho: na ressurreição do Senhor. Nela [na ressurreição], Deus mostrou que Ele redimiui a terra para sempre. *Caro cardo salutis*, a carne é o eixo da salvação, já disse um Padre da Igreja.

O "mais além de todo pecado e da morte" [23] não está distante: desceu e vive no mais profundo da nossa carne. A mais sublime religiosidade da "fuga do mundo" não seria suficiente para trazer, de uma imensa distância, o Deus de nossa vida e de nossa salvação; tampouco, poderia elevar-se até Ele. Porém, Ele mesmo veio a nós. [24] E transformou o que somos e o que sempre queremos

considerar como o obscuro resto terreno de nossa espiritualidade: a carne. Desde então, a mãe terra dá a luz somente filhos que serão transformados. Pois a ressurreição de Jesus Cristo é o começo da ressurreição de toda carne.

Uma coisa falta: que Sua obra, Sua ressurreição, que não podemos ignorar, converta-se em felicidade de nossa existência. Têm [Sua obra, Sua ressurreição] que fazer saltar o túmulo de nosso coração. [25] Têm, também, que ressuscitar do centro de nosso ser, onde estão como força e promessa. Ele está aí, operando. Aí é Sábado Santo, até o último dia, que será a Páscoa completa de todo o cosmos. E essa ressurreição que acontece na liberdade de nossa fé; porém, é também obra Sua. Obra Sua que sucede, parece-nos, como nossa: como da fé que amo, que nos incorpora à marcha colossal de toda a realidade terrena em direção à sua própria glória, que já se iniciou na ressurreição de Cristo.

[\*] **KARL RAHNER, teólogo jesuíta, nasceu em 05 de Março de 1904 (Freibur, Alemanha) e faleceu em 1984. Entrou para a Ordem Jesuíta em 1922. Na Universidade de Freiburg, assistiu os seminários do filósofo alemão existencialista Martin Heidegger, influenciando decisivamente seu pensamento. Em 1939, publica sua dissertação doutoral (*doctoral dissertation*), uma nova interpretação do pensamento de Santo Tomás de Aquino. Participou do Concílio Ecuménico Vaticano II. Em 1978, escreveu: "A espiritualidade de [Santo] Inácio, que recebemos por meio da *práxis* da oração, tem sido mais importante para mim do que a filosofia e a teologia mais sublimes, tanto dentro como fora da Ordem [Jesuíta] ". A obra de RAHNER abriu novas perspectivas para a cristologia. Segundo o teólogo, a essência do homem é como que uma transcendência aberta para o Ser Absoluto de Deus. A cristologia acaba por ser, pois, antropologia: a cristologia é meta e começo da antropologia e esta, por sua vez, em sua realização mais radical, cristologia.**

## Notas

[1] Deus é o Inefável, Aquele que a razão humana não consegue apreender em toda a Sua Glória. É "sem nome" porque qualquer tentativa de nomear Deus sempre resultará na sua compreensão imperfeita. Nossa linguagem e pensamentos são imperfeitos perante a perfeição de Deus. Quando Deus revelou Seu Santo Nome a Moisés, no Horeb, mostrou um nome impronunciável, o Sagrado Tetragrama: **IHWH**. Os judeus, perante esse Nome de quatro letras, pronunciam "**Senhor**". Nós, católicos, erroneamente pronunciamos "**lahwe**" ou "**lavé**". Um judeu jamais procuraria interpolar consoantes às quatro letras do Nome Sagrado, numa tentativa de torná-lo pronunciável. Santo Agostinho expressa-se com as seguintes palavras sobre a inefabilidade de Deus: "Não obstante, ainda que não se possa dizer coisa alguma digna de Deus, ele admite o obséquio da voz humana e quer que nos rejubilemos com nossas próprias palavras ao louvá-lo. É por isso que o chamamos de Deus. Na realidade, não o conhecemos pela vibração dessas duas sílabas: *De-us*. Contudo, quando esse som toca os ouvidos de todos os que conhecem o latim, ele leva a pensar em certa natureza soberana e imortal" (AGOSTINHO, Santo. *A Doutrina Cristã*. Edições Paulinas. S. Paulo. 1991. Pág. 56). Para mais informações sobre o Nome Sagrado de Deus, ver nota nº 1 do texto "*O Natal do Senhor*".

[2] A terra é nossa pátria, pois, somos filhos da terra, segundo KARL RAHNER. Afinal, fomos criados por Deus a partir do barro, conforme Gn 2, 7 (*adamá, 'adamah*, que, em hebraico, significa "solo", palavra a partir da qual nomeou-se o primeiro homem, Adão – *adâm*, em hebraico, feito do pó do solo). É interessante supor que, antes da Queda, éramos imortais. A morte entra no mundo a partir do primeiro pecado. Nossa pátria, então, era a terra, simbolizada pelo Jardim do Éden. Após a queda de nossos pais e sua expulsão do Jardim, vivemos como que desterrados. Podemos pensar, pois, que a nossa busca pela morada celeste, simbolizada pelas expressões "Céus" e "Paraíso" são, na realidade, o retorno à primitiva condição de nossos primeiros pais, antes da Queda. Naquele momento, o primeiro casal vivia em perfeita e profunda comunhão com o Pai Criador, "(...) que passeava no jardim ao sopro do dia" (Gn 3, 8b). [2a] A frase original, em espanhol, está escrita da seguinte maneira: "*Sus más alegres fiestas parecen el comienzo de unos funerales, y al oír su risa, temblamos, no vaya a ser que en el próximo instante lllore bajo una carcajada*". Com a expressão "*llorre bajo una carcajada*", o autor talvez queira referir-se ao riso da angústia, do desespero.

[2b] Isto é, a terra maculada não poupará seus filhos da experiência da morte.

[3] Nesta altura, RAHNER parece dar outro sentido à palavra "terra", aproximando-a à palavra "século". O "século", além de ser expressão de uma determinada quantidade de tempo (um conjunto de 100 anos), também é sinónimo de "mundo", em oposição ao que é espiritual. Fala-se, pois, em vida "secular" e vida "espiritual", por exemplo. Viver no "século" é uma maneira de dizer que vivemos para as coisas deste mundo, em detrimento de uma vida que preza a dimensão espiritual. No Novo Dicionário Aurélio (1986), encontramos a seguinte definição para a palavra "século": O mundo, a vida no mundo considerado sob seus aspectos materiais, profanos, utilitários". O adjectivo "secular", por sua vez, diz respeito àquilo que é "profano, leigo, temporal". Nesse sentido, quando RAHNER diz que a terra "dá a luz crianças que morrem, que são demasi-

ado débeis para viverem para sempre...", parece estar falando sobre a terra decaída, após a Queda de nossos primeiros pais, Adão e Eva. Interpretando, assim, esta passagem, entendemos o restante da frase, quando diz que seus filhos – da terra convertida em mundo, em "século" – "... Têm demasiado espírito para poder renunciar, modestamente, à alegria eterna...". Ao mesmo tempo, a terra, penetrada pela experiência do mal, lhes dá beleza, sim, por isso os cativa: "...e o que lhes dá é demasiado belo para que eles o menosprezem". No entanto, não pode tornar seus filhos realmente ricos: "...é demasiado pobre, para torná-los ricos". Podemos, nesta altura, lembrar de Jó: "*Nu saí do ventre de minha mãe. Nu para lá voltarei*" (Jó 1, 21a). No Livro do Eclesiastes encontramos a mesma reflexão: "Tudo caminha para um mesmo lugar, tudo vem do pó e ao pó tudo retorna" (Ecl 3, 20). Adiante, no mesmo livro, lê-se: "Nu saiu do seio materno, nu há-de voltar, como veio; nada ganhou do seu trabalho, que possa levar consigo" (Ecl 5, 14). O drama da vida humana está, pois, configurado: "E porque na terra dá-se essa contradição entre a grande promessa que nunca chega e o dom mesquinho que não contenta, por isso ela será o

**[4]** Quem se queixa, aqui, é a terra. A criação também sofre com a Queda de Adão e Eva, como podemos ler em Gn 3, 17b-18: "(...) o solo será maldito por tua causa. É com fadiga que te alimentarás dele todos os dias da tua vida; ele fará germinar para ti espinho e cardo, e tu comerás a erva do campo".

**[5]** Vivemos, pois, na ilusão da vitória secular, da vitória para as coisas deste mundo. A antiga Missa de Páscoa, cantada e celebrada nos mosteiros, alerta-nos para o significado dos três Santos Dias. Na sequência Vítima Pascal (*Víctima pascháli*, 1.º modo), canta-se: a morte a vida travaram entre si singular combate; e o autor da vida, tendo morrido, reina agora vivo (*Mors et vita duéllo conflixére mirándo: dux vitae mórtuus, regnat vivus*). Para ouvir esse trecho, [clique aqui](#). É um canto gregoriano, cantado pelo Coro dos Monges da Abadia Saint-Pierre de Solesmes. Mais informações sobre o CD "Páscoa", contendo a música de duas Missas Pascuais, interpretada pelo mesmo coro, [clique aqui](#).

**[6]** Estamos, pois, entre a liberdade criadora e a escravidão permanente, pois vivemos na Queda. Por isso Jesus Cristo é o Novo Adão, o Novo Homem, que redime o mundo – o "século" – do pecado. O Mal entrou na Criação através da desobediência: ainda somos criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26-27). Na obra "A Verdadeira Religião" (*De Vero Religione*), Santo Agostinho (354-430) fala-nos sobre o Mal: "Não existe nenhum ser vivo que não venha de Deus, porque ele é, na verdade, a suma vida, a fonte mesma da vida. Nenhum ser vivo, enquanto tal, é mau, mas somente enquanto tende à morte. A morte da vida, essa é a perversão ou a maldade (*nequitia*), isso é o nada. Por isso, com razão, os homens mais perversos são chamados "homens do nada". Se a vida tende ao nada foi por se ter desviado – por um desaparecimento voluntária – de quem a criou, e de cujo ser desfrutava. (...) Logo, a morte não procede de Deus. 'Pois Deus não fez a morte, nem tem prazer em destruir os viventes' (Sb 1, 13), porque a soberana essência faz ser tudo quando existe e é chamado essência. Mas a morte, ao contrário, precipita no não-ser a tudo o que morre, à medida que morre. O ser que morre não morre inteiramente, porque se as coisas mortais ou corruptíveis perdessem inteiramente seu ser, chegariam ao nada. Tanto mais morrem quanto mais deixam de participar da essência. Ou dito mais brevemente: tanto mais morrem, quan-



to menos são. (...) Pelo que, o ser com alma, que pelo gozo material abandona a Deus, tende ao nada e esse é o mal (*nequitia*). Eis como a vida se torna terrena e carnal e porque é também chamada terra e carne" (AGOSTINHO, Santo. *A Verdadeira Religião*. Edições Paulinas. S. Paulo. 1987. Pág. 54-55).

**[7]** A terra, antes da Queda, era nossa pátria eterna (ver **nota nº 2**).

**[8]** O ser humano foi colocado no centro de toda a Criação. Tanto isso é certo que, sob certa perspectiva, podemos afirmar que nosso primeiro pai, Adão, participou da Criação. Em Gn 2, 19-20: "O Senhor Deus modelou do solo todo animal dos campos e todo pássaro do céu, que levou ao homem para ver como ele os designaria. Tudo aquilo que o homem designou tinha o nome de 'ser vivo'; o homem designou pelo seu nome todo gado, todo pássaro do céu e todo animal dos campos, (...)". Conforme a Bíblia Sagrada preparada pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, dar um nome a algo equivale a indicar a natureza ou o destino daquilo que é nomeado, assinalando seu ofício. No conceito dos antigos hebreus, dar um nome é dar ou reconhecer o próprio ser ou a essência. Se prestarmos atenção aos primeiros versículos do Livro do Génesis, repararemos que Deus não apenas cria, mas dá um nome à sua criação. O mesmo poder, Deus o dá ao homem, personificado em Adão.

**[9]** A partir deste ponto, KARL RAHNER desenvolverá a seguinte tese: a Ressurreição de Jesus é o anúncio da ressurreição não apenas da criatura humana, mas de toda a criação que, com o Homem, compartilha do Mal e do Pecado

**[10]** Segundo a Tradução Ecuménica da Bíblia/Bíblia TEB, "com exceção de At 7,56; Ap 1,13; 14,14, a designação Filho do Homem, decalque de uma expressão semítica, só se encontra, nos evangelhos, na boca de Jesus. Nisto a comunidade primitiva reconheceu uma das expressões típicas de Jesus de Nazaré, de preferência aos demais títulos que outorgou a Jesus (Senhor, Cristo, Filho de Deus). Em certos casos, Jesus parece não se identificar com o Filho do Homem (Mt 16, 27; 24, 30); em outros, o faz claramente (Mt 8, 20; 11, 19; 16, 13). Alguns estudiosos se inclinariam a identificar a expressão com o dito de Ezequiel: o homem que sou (Ez 2, 1.3ss); a maioria a relaciona com a tradição apocalíptica (Dn 7, 13 e o livro de Henoc): segundo esta tradição, o Filho do Homem virá no último dia julgar os pecadores e salvar os justos. Ao designá-lo assim, a comunidade primitiva manifesta uma originalidade que se pode atribuir a Jesus. Ela mostra em Jesus aquele que antecipa o julgamento com autoridade, salvando os pecadores (Mt 9, 6) e inaugurando a era messiânica (Mt 12, 8). Ligado à descrição profética do Servo de Deus (Mc 8, 31; Mt 17, 9.22.23; 20, 18; 26, 2.24.25), este título assume um significado inédito com relação ao judaísmo, pois une paradoxalmente a glória à cruz". A expressão "Filho de Homem" também é utilizada no Livro de Daniel. Está inserida no Capítulo 7, onde é relatada a visão que Daniel tem dos quatro animais que saem do mar. Segundo a Tradução Ecuménica da Bíblia/Bíblia TEB, a visão do Filho do Homem corresponde ao segundo painel da visão de Daniel: Deus, representado sob os traços de um Ancião, procede à entronização celeste de um Filho de Homem (7, 9-10.13-14), cujos traços contrastam com os dos Animais precedentes. Como estes, o Filho de Homem é um personagem simbólico. Mas a tradição judaica ulterior o identificará com o Messias davidico (Parábolas de Henoc 46, que certos críticos consideram como um texto cristão; Esdras 13), o que se justifica em um contexto cultural em que todo grupo se in-

corpora de algum modo em seu chefe. Retomando a expressão utilizada no Livro de Ezequiel, não devemos confundir as expressões "filho de homem" e "Filho de/do Homem". Muito frequente em Ezequiel, que a utiliza uma centena de vezes, esta expressão marca – especificamente no capítulo 2, que prolonga a grande visão do início – um contraste sugestivo; diante da glória do Senhor, cuja grandeza parece quase terrificante (1, 28), Ezequiel não passa de um ínfimo filho de homem (2, 1.3.6.8.), incapaz até mesmo de se manter de pé. Nos evangelhos, a expressão Filho do Homem aparece nos seguintes capítulos e versículos:

- a) Evangelho de João: 1, 51; 3, 13.14; 5, 27; 6, 27.53.62; 8, 28; 9, 35; 12, 23.34; 12, 31;
- b) Evangelho de Lucas: 5, 24; 6, 5.22; 7, 34; 9, 22.26.44.58; 11, 30; 12, 8.10.40; 17, 22.24.26.30; 18, 8.31; 19, 10; 21, 27.36; 22, 22.48.69; 24, 7;
- c) Evangelho de Marcos: 2, 10; 8, 31.38; 9, 9.12.31; 10, 33.45; 13, 26.29; 14, 21.41.62; e
- d) Evangelho de Mateus: 8, 20; 9, 6; 10, 23; 11, 19; 12, 8.32.40; 13, 37.41; 16, 13.27.28; 17, 9.12.22; 19, 28; 20, 18.28; 24, 27.30.33.37.39.44; 25, 31; 26, 2.24.45.64.

**[11]** Maria, mãe de Jesus, é a Nova Eva. Como nos diz Santo Agostinho: "Pela alma corrompida de uma mulher entrou a doença. E do corpo íntegro de outra mulher veio a saúde. (...) Nascido de uma mulher, ele [Jesus] libertou aqueles que tinham sido enganados por uma mulher. Homem, libertou os homens. Mortal, libertou os mortais. Morto, libertou os mortos. (AGOSTINHO, Santo. A Doutrina Cristã. Edições Paulinas. S. Paulo. 1991. Pág. 62-63). A partir desses dois textos – de KARL RAHNER e Santo Agostinho – contemplamos, pois, a extraordinária Doação e Amor que Deus fez de Si, ao incarnar na Criação, compartilhando da natureza de Suas o). Fez-se filho da terra, como nós o somos. É o que S. Paulo nos adverte: "Comportai-vos entre vós assim, como se faz em Jesus Cristo: ele, que é de condição divina, não considerou como presa a agarrar o ser igual a Deus. Mas despojou-se, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens, e por seu aspeto, reconhecido como homem; ele se rebaiou, tornando-se obediente até a morte, e morte numa cruz" (Fl 2, 5-8).

**[12]** Conforme nota anterior, n.º 11.

**[13]** Jesus participou totalmente de nossa condição humana, exceto no pecado. Por isso, ao morrer, participou de toda a angústia e pavor que tal experiência nos evoca. Como diz S. Paulo, em sua Carta aos Filipenses, Jesus (que, nós cristãos, acreditamos ser Deus – é o Filho, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade) despojou-se de sua condição divina, fazendo-se homem. A Luz, portanto, não se intimida com a obscuridade da terra, não foge de sua assassina.

**[14]** Conforme a nota anterior, nº 13. O sentido de "fuga do mundo", aplicado à morte, pode também ser entendido, a partir de uma visão de pouca fé e/ou pouco espiritualizada, como o "fim de tudo": com a morte, tudo acaba. Não há mais nada. Ingressamos no nada.

**[15]** "Pois assim como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim o Filho do Homem estará no seio da terra três dias e três noites".

**[16]** A Morte e Ressurreição de nosso Senhor santificaram a criação. O homem e toda a

criação estão, a partir desse momento, na direção da Redenção. Os tempos messiânicos chegaram. A profecia de Isaías começa a realizar-se: *"Mas não há mais a escuridão para a terra que estava na angústia. (...) O lobo habitará com o cordeiro, o leopardo se deitará perto do cabrito. O bezerro e o leãozinho serão alimentados juntos, um menino os conduzirá. A vaca e a urso terão a mesma pastagem; os seus filhotes, o mesmo abrigo. O leão, como o boi, comerá forragem. A criança de peito brincará no ninho da áspide, na toca da víbora, a criança desmamada porá a mão"*. (Is 8, 23a; 11, 6-8). [17] No sentido de deitado, estirado; portanto, sepultado (no original em espanhol, está escrito *"tendido en las entrañas de la tierra"*).

[18] A Ressurreição e Ascensão de Nosso Senhor não significam que abandonou esta terra, para exilar-se nos Céus, deixando-nos abandonados).

[19] "(...) [a terra, após a Ressurreição do Senhor] passa a estar redimida, para sempre, da morte e da esterilidade. (...) este túmulo dos mortos – o corpo e a terra – foi transformado". A Ressurreição de Jesus é, como nos explica a doutrina, Ressurreição da Carne. Por isso, faz sentido dizer que o Senhor ressuscitou" (...) não para mostrar que abandonou definitivamente a terra...", isto é, nossa redenção também passa pela santificação da carne, da nossa carne. A carne não é nossa inimiga: ela participa, também, de toda a obra da redenção. A mentalidade judaica não concebe uma separação entre corpo e espírito, conceção essa reafirmada por Santo Tomás de Aquino.

[19a] Com a expressão *"tudo chegou a ser distinto"*, RAHNER talvez nos queira dizer que o jogo de claro e escuro, a ambiguidade da qual a terra está enferma, por estar penetrada pela morte e pelo pecado, não mais possui o poder e a força existentes antes da Ressurreição do Senhor. Por "jogo de claro e escuro", "luz e sombra", podemos entender essa enfermidade de nossa mãe terra, nas palavras do próprio RAHNER: *"E a ambígua mistura que nos oferece, de vida e morte, de aplausos, vitórias e de lutas, de factos criadores e de escravidão permanente, é nossa vida de cada dia"* (no item *"A terra mãe, desgraçada"*).

[20] A *Ascensão de Jesus aos Céus*, relatada em Lc 24, 50-52 e em At 1, 6-11.

[21] Nossa carne é feita de sua matéria, conforme nota n.º 2.

[22] É a riqueza da graça e não uma riqueza material.

[23] Jesus é o *"mais além de todo pecado e da morte"*.

[24] Ou seja, a Incarnação do Verbo foi um ato completo de Amor de Deus para conosco. Somos incapazes de realizar tal ato apenas por nós, com nossa própria vontade e forças. Sem a ajuda de Deus, sem a Sua Graça, tal caminho não nos é possível.

[25] *"(...) Fazer saltar o túmulo de nosso coração"*. Podemos entender que a Boa Nova da Ressurreição de Jesus faz "saltar" de alegria o coração que antes vivia na morte do pecado: com a Queda, nossos corações converteram-se em túmulos. Por outro lado, a palavra "saltar" evoca-nos a etimologia da palavra Páscoa que, em hebraico, diz-se *pesách*: o Senhor Deus passou ou saltou por cima das casas dos israelitas, ferindo de morte os primogênitos egípcios, conforme Ex 12, 1-31.

[http://www.interreligo.com/public\\_html/crista/catolicismo/pascoa\\_um\\_misterio.htm](http://www.interreligo.com/public_html/crista/catolicismo/pascoa_um_misterio.htm)

# Temos um defensor

**A** VERDADE É QUE NÓS seres humanos somos bastante complexos. Cada indivíduo é um mundo de desejos e frustrações, ambições e medos, dúvidas e interrogações. Com frequência não sabemos quem somos nem o que queremos. Desconhecemos para onde se está movendo a nossa vida. Quem pode nos ensinar a viver de forma correcta?

Aqui não servem as abordagens abstratas nem as teorias. Não basta esclarecer as coisas de forma racional. É insuficiente ter diante dos nossos olhos normas e directrizes corretas. O decisivo é a arte de actuar dia após dia de forma positiva, sã e criativa.

Para um cristão, Jesus é sempre o seu grande mestre de vida, mas já não o temos ao nosso lado. É por isso tem tanta importância estas palavras do Evangelho: «Pedirei ao Pai que vos dê outro Defensor que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade».

Necessitamos que alguém nos recorde a verdade de Jesus. Se a esquecermos, não saberemos quem somos nem o que estamos chamados a ser. Desviar-nos-emos do evangelho uma e outra

vez. Defenderemos em seu nome causas e interesses que pouco têm a ver ele. Acreditaremos estar na posse da verdade ao mesmo tempo que a vamos desfigurando.

Necessitamos que o Espírito Santo ative em nós a memória de Jesus, a sua presença viva, a sua imaginação criativa. Não se trata de despertar uma memória do passado: sublime, comovente, cativante, mas memória. O que o Espírito do Ressuscitado faz conosco é abrir o nosso coração ao encontro pessoal com Jesus como alguém vivo. Só esta relação afetiva e cordial com Jesus Cristo é capaz de nos transformar e gerar em nós uma nova forma de ser e de viver.

O Espírito é chamado no quarto evangelho «defensor» ou «paráclito» porque nos defende do que nos pode destruir. Há muitas coisas na vida de que não nos sabemos defender por nós próprios. Necessitamos luz, fortaleza, alento sustentado. Por isso que invocamos o Espírito. É a melhor maneira de nos pormos em contacto com Jesus e viver defendidos de quanto nos pode desviar dele.